

**BIBLIOTECA
UNEMAT** *

Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT

RG: N° 14387

Data: 16 / 12 / 2010

() Compra (x) Doação () Permuta

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CAMPUS DE PONTES E LACERDA

SUELI ANTERO DOS SANTOS DA CRUZ

A ATUALIZAÇÃO DO MITO HOMÉRICO EM CAMÕES

Pontes e Lacerda

2010

82.03
C 957a

Sueli Antero dos Santos da Cruz

A ATUALIZAÇÃO DO MITO HOMÉRICO EM CAMÕES

**Trabalho de conclusão de curso em Letras
apresentado à UNEMAT, Campus de Pontes e
Lacerda, como requisito para obtenção do
título de Graduada em Letras.**

Orientadora: Profª Drª Madalena Machado

Pontes e Lacerda

2010

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Profª Drª Marinei Almeida

Prof. Dr. Helvio Gomes Moraes Junior

Profª Drª Madalena Machado

Orientadora

Pontes e Lacerda

2010

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, pois em todo o tempo Ele me sustentou dando força e sabedoria. Agradeço também às pessoas que contribuíram com a minha formação, como os professores e colegas de sala, em especial a Taires Aparecida assim como a sua família que esteve sempre do meu lado nos momentos mais difíceis que passei. Os meus sinceros agradecimentos ao meu esposo Rogério e sua família, que não mediram esforços para me ajudar e também minha mãe e meus irmãos que de uma forma ou outra contribuíram para o meu sucesso. Não posso deixar de agradecer à professora Madalena, que dedicou parte do seu tempo para orientar-me da melhor forma possível. Com muita alegria deixo o meu obrigada a todos.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu esposo Rogério que muito me apoiou durante a realização do mesmo, ao meu filho Rafael que ainda sem entender estudou juntamente comigo. E também à minha mãe Judite que mesmo com muitas dificuldades fez com que eu ingressasse na Faculdade.

“ E dali pesarosos nós partimos.

Abordo à infanda plaga dos Ciclopes,

Que, à fiúza dos deuses, nem semeiam,

Lavram nem plantam;” (HOMERO,96-97, p. 171)

RESUMO

Na obra homérica observamos a constante presença de seres míticos sempre próximos do homem, entre eles destacamos o ser mítico Polifemo, descrito no canto IX da **Odisséia**. Ele é um ser com aparência assustadora e possui apenas um enorme olho no meio da testa. Vive em uma ilha isolada de todos os outros povos, faz parte de um grupo denominado ciclopes. Ulisses consegue vencê-lo pela astúcia, pois a sua força não seria suficiente para enfrentá-lo. Enquanto n'**Os Lusíadas**, aparece o gigante Adamastor com algumas semelhanças do ciclope, o qual mora no Cabo das Tormentas, lugar que até então nenhum barco havia passado. À semelhança de Ulisses, Vasco da Gama consegue vencer o gigante por meio da astúcia.

Com entendimento da presença de Polifemo em ambas as obras, vamos estudar no decorrer deste trabalho até que ponto o gigante Adamastor é uma atualização da criação homérica. Dentre nossos pressupostos teóricos Claude Lévi-Strauss, nos ensina que um mito para a realidade se torna possível porque ele é único, podendo ser recriado com características diferenciadas. Homero além de ser um poeta de destaque, também é visto como educador e podemos afirmar ainda a sua condição de influenciador das muitas obras que surgiram posteriormente, tanto no estilo, quanto nos recursos utilizados, assim como a construção mítica apresentada em suas obras.

SUMÁRIO

Introdução.....	9
I– Sob o Signo do Mito: Trajetória e História nas Epopéias.....	11
II – Da Epopéia e do Mito: Algumas Considerações.....	15
III – A Repercussão do Mito Homérico em Camões.....	22
Considerações Finais.....	29
Referências Bibliográficas.....	30

INTRODUÇÃO

Diante da hipótese de que Luiz de Camões se inspirou em Homero para escrever outra epopéia com certas semelhanças, as quais podemos perceber na obra **Os Lusíadas**, não fazem perder o prestígio que lhe é atribuído. Pelo contrário, enriquece ainda mais o poema épico português, por ser feito para narrar os grandes feitos do povo lusitano. Buscamos entender se há uma atualização do ser mítico da **Odisséia**, especificamente o personagem Polifemo, no mito camoniano, gigante Adamastor e, se é, como isto acontece. Ambos são de grande destaque nas obras, aparecem como seres monstruosos que causam grande medo aos navegantes, tanto nos guerreiros gregos como nos conquistadores portugueses, estes saíram em busca de novas terras, a fim de expandir o território de Portugal. Para isso enfrentam diversos obstáculos, um destes é o encontro inesperado com o gigante assustador, que se levantou no mar de forma assustadora ao profetizar várias desgraças ao povo que ali estava representado por Vasco da Gama.

Mesmo antes desse encontro, eles ficam espantados com um bando de seres totalmente selvagens que não era possível estabelecer nenhum tipo de diálogo com os mesmos, pois eram “selvagem[ns] mais do que o bruto Polifemo” (CAMÕES, 2003, p.120), estes fizeram os navegantes se apressarem em procurar outro lugar para desembarcar. Logo que saíram surge Adamastor, um ser monstruoso, com aparência bastante estranha como podemos ver na descrição de Camões: “O rosto carregado, a barba esqualida, / Olhos encovados, e a postura/ Medonha e má e a cor terrena e pálida; / Cheios de terra e crespos os cabelos, / A boca negra, os dentes amarelos.” (CAMÕES, 2003, p.123). Esta figura inesperada foi motivo que impediu por um espaço de tempo a continuação da viagem, só após o diálogo promovido por Vasco é que conseguem livrar-se do monstro. Ao lamentar o amor que sentia pela deusa Tétis, o gigante comovido começa chorar, com isso se derrama em lágrimas possibilitando a passagem das embarcações.

Na epopéia de Homero temos a criação de um mundo imaginário, que propicia à narração tratar da volta dos guerreiros que foram à guerra de Tróia. Aquilo que deveria ser apenas um retorno à cidade de origem (Ítaca), passa a ser uma série de episódios marcados por diversos acontecimentos, os quais fizeram aumentar os dias de Ulisses no mar, inclusive perde todos os seus companheiros. Uns morreram em pleno mar, outros foram devorados, a

exemplo do que acontece, com Polifemo, além daqueles que se perderam sem conseguir encontrar novamente o caminho.

Entre os diversos obstáculos da aventura homérica, destacaremos neste trabalho a passagem em que Ulisses e alguns companheiros encontram com Polifemo, da raça ciclope. Ele de muita força, mas foi vencido pela astúcia do herói, o qual consegue juntamente com mais alguns homens cegá-lo, possibilitando a fuga de todos da gruta onde se encontravam, para que não fossem devorados. Outro fator importante a ser observado é o processo de formação que encontramos na obra homérica, como por exemplo: “manter vivos na memória do mundo futuro os grandes “feitos dos homens e dos deuses” (JAEGER, 1995, p.67). Este mesmo processo tem repercussão no poema de Camões, no qual vimos o resgate da mitologia e também a exaltação dos feitos do povo português.

I - SOB O SIGNO DO MITO: TRAJETÓRIA E HISTÓRIA NAS EPOPÉIAS

Entendemos por mito algo reconhecido como verdadeiro, mas não é possível dar provas concretas sobre a existência de tal verdade. Esclarecemos que neste trabalho, o mito em destaque é considerado como verdade pela maneira dos autores apresentarem os mesmos nas epopéias, isto porque o poeta épico era para a sociedade um homem dotado de sabedoria e dono da verdade, visto que suas palavras eram respeitadas por todos. Tanto Homero como Camões utilizam de argumentos convincentes, capazes de levar o leitor a crer que o episódio narrado seja uma verdade inquestionável, que de fato aquilo existiu em um dado período em alguma parte do mundo. Isso não significa que é uma história real e sim que o poeta possui certa autoridade dada pelos deuses, como é o caso do poeta rapsodo Homero sendo ele capaz de criar um novo mundo com elementos que possui verossimilhança ao mundo real. Dessa maneira o mito ganha espaço no gênero para enriquecê-lo ainda mais.

Para argumentar a respeito do mito, nós utilizamos a obra **Mito e Significado** (2000), de Claude Lévi-Strauss, a qual nos traz uma abordagem minuciosa em relação ao mito, com o intuito de fornecer para o leitor maior entendimento sobre a estrutura mitológica, em suas palavras temos:

quando somos confrontados com fenômenos demasiado complexos para serem reduzidos a fenômenos de ordem inferior, só podemos abordar estudando as suas relações internas, isto é, tentando compreender que tipo de sistema original formam no seu conjunto (LÉVI-STRAUSS, 2000. p. 21 e 22).

Assim, é necessário entender primeiro a estrutura mitológica para uma possível compreensão do plano mítico nas epopéias em estudo.

O surgimento do mito ocorre com a necessidade de saber a origem das coisas, Marilena Chauí (1997), comenta sobre o mito sendo esta uma palavra grega que surge como resposta a certas inquietações humanas não explicáveis naquele momento.

A palavra mito vem do grego, *mythos*, e deriva de dois verbos: do verbo *mytheyo* (contar, narrar, falar alguma coisa para outros) e do verbo *mytheo* (conversar, contar, anunciar, nomear, designar). Para os gregos mito é um discurso pronunciado ou proferido para ouvintes que toma como verdadeira a narrativa, porque confia naquele que narra, é uma narrativa feita em público, baseada, portanto, na autoridade e confiabilidade da pessoa do narrador (CHAUI, 1997, p.28).

Notamos o quanto o mito é importante para a sociedade grega, berço da civilização ocidental, ele é uma forma de explicar o que a ciência não é capaz, pois contempla muitos questionamentos dos homens, como é o caso da origem do mundo (de onde viemos, quem somos e para onde vamos?). Estas são questões que só se tornam possíveis entender na literatura por meio do mito que está relacionado ao verbo anunciar, anúncio este que passa a ser verdade incontestável pela humanidade, com isso ele se torna um modelo a ser seguido. Para compreender mais a sua importância é preciso saber de antemão sobre os três caracteres do mito: o profano, o exemplar e o sagrado.

Para Mircea Eliade em sua obra **Mito e Sociedade**, o “mito é considerado uma história sagrada e, portanto, uma “história verdadeira”, porque sempre se refere as realidades” (ELIADE, 1998 p.12). Então podemos afirmar que existem histórias verdadeiras e falsas, o mito de caráter sagrado é quando se trata de verdades absolutas como, por exemplo, a criação do mundo e seus elementos. O mito enquanto caráter sagrado passa a ser exemplar, de acordo com o autor citado, isso ocorre pelo “fato de relatar os gestos dos Entes sobrenaturais e a manifestação de seus poderes sagrados, o mito se torna o modelo exemplar de todas as atividades humanas significativas” (idem, 1998, p.12). Ao relatar que o mito é exemplar, afirmamos que ele é um modelo a ser seguido pela humanidade.

Além desses caracteres temos ainda o profano, por serem aqueles mitos que narram fatos e acontecimentos, os “mitos, efetivamente, narram não apenas a origem do mundo, dos animais, das plantas e do homem, mas também de todos os acontecimentos primordiais em consequência dos quais o homem converteu no que é hoje” (idem, 1998, p.16). Por este motivo podemos considerar a existência de mitos de caráter profano, ou seja, mitos que não estão ligados a verdade absoluta, são para a explicação de acontecimentos do cotidiano que não é visto como algo de grande importância.

Sejam os mitos de caráter sagrado, exemplar ou profano, “eles despertam no homem pensamentos que lhe são desconhecidos” (LÉVI-STRAUSS, 2000, p.13). Diante do exposto observamos que o mito não é apenas aquilo que aparece no superficial, pois o seu interior é repleto de significados. Logo, o nosso discurso será focado na construção mítica, construção capaz de fazer o homem criar um mundo imaginário e participar do mesmo por meio de seu pensamento, de maneira que consiga sair do mundo real, ingressar no mundo fictício e dentro dele buscar novos conhecimentos. Isto só pode acontecer caso o mito seja bem estruturado, embora o simples fato da sua existência na obra não ser de grande valia, necessita-se que ele

tenha boa construção. Além disso, o mito não pode aparecer isoladamente na obra, somente com base na união dos elementos e dos fatos que surgirá um conjunto repleto de significados.

Como foi dito, é necessário que entendamos a estrutura desse conjunto para chegar às significações. Lévi-Strauss deixa claro que o estudo do mito deve iniciar da inquietação, por que surgiu? Este é o ponto chave para entender o plano mitológico, e, no caso deste trabalho investigar a hipótese de que acontece uma atualização do mito homérico, o monstro Polifemo no mito camoniano do Gigante Adamastor. Faz-se necessário compreender primeiro o porquê de serem figuras de monstros e o que eles representam para a humanidade.

Ainda quanto à estrutura mítica, Aristóteles afirma que os mitos podem ser seres divinos e elementos simbólicos, uma vez que apresentam determinada grandeza, para o autor, “não só deve ter partes ordenadas, mas também uma grandeza que não seja qualquer. Porque o belo consiste na grandeza e na ordem” (ARISTÓTELES, 1980, p.207). Da mesma maneira que o mito não deve ser pequeno demais, não pode também ir além do alcance dos olhos humanos, pois se acontecer, não haverá por parte do espectador, uma visão completa do mito. Essa grandeza mítica proporciona à obra maior valor estético, por serem elementos maravilhosos, dotados de sabedoria e na maioria das vezes comungam de poderes sobrenaturais, além de desempenhar esse papel de ornamentação tem importante função de dramatizar a sociedade em que está inserida.

Na *Odisséia*, Ulisses mostra a grandeza da inteligência humana, pois somente com o tamanho e a força, o monstro não conseguiu aprisionar e devorar todos os homens, em contrapartida, o herói com poder de sua sabedoria, consegue defender-se e também salvar os companheiros, saindo vitorioso da gruta. Quando Vasco que é representante do povo português n’*Os Lusíadas* e os demais companheiros encontram-se com o gigante Adamastor, vencem-no, eles trazem à sociedade portuguesa uma grande conquista. Porque até então todos temiam fazer o contorno do cabo das tormentas por acreditarem que ali existia um mistério maligno, somente após esta derrota é que este lugar passa a ser navegado por outras pessoas. Depois deste feito, muda-se inclusive a denominação de “Cabo das Tormentas” para “Cabo da Boa Esperança” que perdura até os dias atuais, influenciando o nome de uma das cidades mais importantes da África: Cidade do Cabo. Nesse mito podemos obter vários significados, os quais tentam explicar aquilo que a ciência não é capaz de dar respostas exatas, por isso a importância do emprego de seres míticos nos poemas épicos.

Destacamos na construção mitológica que “há deidades ou personagens sobrenaturais que desempenham o papel de intermediários entre os poderes de cima e a Humanidade em baixo” (LÉVI-STRAUSS, 2000, p.50). Notamos que é uma característica importante na formação mítica, por apresentar estreita relação entre o homens e deuses, com isso percebemos que os seres divinos estão sempre influenciando o homem naqueles textos literários.

Como seres do plano divino eles têm grande poder de influenciar o ser humano, pensando nisso Platão nos informa que: “grande parte da mitologia deveria ser excluída do currículo de formação das crianças por infundir temor diante da morte” (PLATÃO, 2001.p.42). Muitas vezes o estudo literário não está pautado numa função influenciadora que ela possui, principalmente no ensino sobre mito. Tomando Platão como um pensamento oficial, o estudo do mito presente na literatura propicia a criação do espírito crítico. Algo muitas vezes desprezação na educação formal.

Por esse motivo o filósofo afirma que: “deveria pôr uma mitologia que amenizasse o caráter dramático da morte e promovesse comportamentos sérios e viris, estimulando particularmente o amor pela verdade, o autodomínio e a integridade” (PLATÃO, 2001, p.42). Assim fica evidente o quanto o mito bem estruturado e bem composto é um forte influenciador da humanidade, com poder até mesmo de manipular o homem. A exemplo disso, temos o episódio que Ulisses deixa a ilha de Calipso e segue as orientações da deusa Atenas para chegar a terra dos Feácios, onde seria recebido e após ficar hospedado por algum tempo, ele foi conduzido à sua pátria.

II _ DA EPOPÉIA E DO MITO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Homero, um dos mais importantes clássicos da literatura universal se destaca na história literária pelo seu estilo, além disso, por ser o primeiro a resgatar da sociedade elementos míticos e fazer com que estes atuassem em sua obra. Nesse resgate, temos uma estreita relação entre o ser mítico e o homem. Com isso, o autor não faz apenas uma obra de arte como também contribui com seu caráter educador, uma vez que o poeta é considerado na época dos pré-socráticos como veículo de comunicação, capaz de transmitir à sociedade suas inquietações relacionadas ao ser humano e ao meio em que vive. Tal influência da epopéia, teve início no século VI a.C. com o surgimento da primeira versão escrita da **Iliada** e a **Odisséia** (2002) não se sabe a data exata do seu surgimento o mais provável é que tenha sido escrita no século VIII a.C.

A **Odisséia** e **Iliada** (1999) foram as primeiras obras que surgiram com estrutura bastante peculiar, com o uso de elementos míticos diferenciados, assim influencia as gerações futuras em diversos fatores, como é o caso da descida ao *Hades* de Ulisses, Virgílio retoma em sua obra **Eneida** (1999) esta passagem. Podemos ver também os seres monstruosos, que na maior parte da **Odisséia** estão sempre juntos do herói e seus companheiros, como por exemplo, o monstro Polifemo, o qual é recriado n'**Os Lusíadas** (2003) de Luiz Vaz de Camões. Assim como em **Macunaíma** (2001) de Mário de Andrade, com o gigante Venceslau Pietro Pietra, devorador de gente e outros seres míticos. Em **Medéia** (1980) de Sófocles também há inspiração no escritor clássico, na utilização de seres míticos como por exemplo, na composição da trama encenada.

Abordaremos nesse capítulo os elementos que constituem uma epopéia, dando ênfase ao plano mítico da mesma. Para tanto será usado como teórico inicial o ponto de vista de Platão, que na sua obra **A República** (2002) tece um diálogo sobre as principais características das obras clássicas, entre elas os poemas épicos de Homero. Neste diálogo explica alguns pontos importantes das obras literárias, selecionadas como *corpus* de nossa pesquisa. A sua argumentação no livro III, fundamenta-se na construção da epopéia, sua principal função e ainda, comenta sobre o plano mítico nas obras.

Outra obra a ser usada como *corpus* teórico neste trabalho será a **Arte Poética** (1980) de Aristóteles, sendo ele o primeiro autor a tecer sistematicamente um texto acerca dos

gêneros, o qual é considerado o primeiro texto da crítica literária. Sua obra são anotações do autor feitas por seus alunos, as quais contribuem de maneira direta com os estudos literários.

Já Aristóteles estabelece uma tripartição dos gêneros, em ditirambo, dramático e épico, os quais visam imitar a sociedade da qual faz parte, aborda também que esses gêneros ocorrem por meio da mimese, que é uma imitação inata ao homem como forma de representação do real, sem deixar de observar a organização dos elementos que constituem tais gêneros, como afirma a seguir que:

é necessário que nas demais artes miméticas ocorram pela imitação, quando seja um objeto uno, assim também o mito, porque é imitação de ações, deve imitar os que sejam unas e completas e todos os acontecimentos se devem suceder em conexão tal que, uma vez suprimido ou deslocado um deles, confunda ou mude a ordem do todo (ARISTÓTELES, 1980, p. 208).

Percebemos que o autor não vê a mimese como cópia do real e sim uma imitação, ou seja, há uma verossimilhança com a realidade. Através desta verossimilhança, Aristóteles pretende fornecer ao leitor, alto teor de criticidade em relação aos acontecimentos sociais e a vida cotidiana de modo geral, visto que a obra literária é uma criação com vasto campo de conhecimento, acerca de diversos assuntos. Essa visão crítica está em todo texto e não somente em algumas partes, isso implica até mesmo a ordem dos elementos assim como dos fatos narrados. Pois, ainda que seja um elemento de destaque, como o mito, por exemplo, ele deve estar bem entrelaçado com os demais, para que tenha o valor esperado e dê ao gênero maior credibilidade ao imitar a sociedade de maneira adequada.

No ponto de vista platônico, a epopéia também é construída por meio da imitação, ou mesmo como já foi dito anteriormente, que é uma espécie de mimese, a qual acontece pelo fato do poeta fazer uma cópia da sociedade visando sempre um determinado caráter. O filósofo afirma que imitação é uma cópia da realidade da seguinte maneira:

___O homem que jugo moderado, quando na sua narrativa chegar a ocasião de contar um dito ou feito de uma pessoa de bem, quererá exprimir-se como se fosse o próprio e não se envergonhará dessa imitação, sobretudo ao reproduzir atos de firmeza e bom senso do homem de bem, querê-lo-á em menos coisas e em menor grau, quando essa pessoa tiver tergiversado, devido a qualquer outro acidente. Quando, porém, se tratar de algum exemplo indigno dele, não quererá copiá-la seriamente quem lhe é inferior, a não ser de maneira superficial, quando ele tiver praticando algum ato honesto; e, mesmo assim, sentir-se aí envergonhado, ao mesmo tempo por não ter prática de imitar

seres dessa espécie e por aborrecer de se modelar e de se formar sobre um tipo de gente que lhe é inferior, desprezando-o no seu espírito, a não ser como entretenimento. (PLATÃO, 2002, p. 88).

Observamos que para Platão e Aristóteles, a imitação é uma das principais características da epopéia, considerando que esse tipo de escrita era usada como maneira do povo expressar seus sentimentos patrióticos, por isso a necessidade desse recurso. Surge a epopéia a qual é constituída por meio de elementos que a caracteriza, como o mito, caráter, elocução, pensamento e melopéia, uma vez que cada um possui uma função específica no poema épico. O primeiro elemento por ser o mais importante, segundo Aristóteles, será visto com maior ênfase mais adiante, vamos ver agora sobre o caráter, o que é e quais suas funções na epopéia.

Diante do exposto faremos menção às obras homéricas **Ilíada** e **Odisséia**, as quais imitam homens de caráter elevado, tanto em uma quanto na outra ocorre mimese dos fatos contados, sendo estes, na maioria, os grandes feitos heróicos. Quando o autor utiliza desse caráter em suas obras ele visa narrar principalmente o que lhe é grandioso, como pode ser observado em Ulisses durante a guerra de Tróia, assim como em seu retorno, ele enfrenta diversos obstáculos e sai vitorioso.

Como já abordamos, a epopéia é uma espécie de imitação de homens de caráter elevado, ou seja, caráter é uma designação para definir o tipo de homem e a qual sociedade ele pertence, o que Aristóteles vai afirmar, “os homens possuem tal ou tal caráter” (ARISTÓTELES, 1980, p.206), no caso da epopéia será sempre um bom caráter, por referir-se aos homens de boas condutas. Na obra **Paidéia** (1995) no capítulo intitulado “A Formação do Homem Grego” de Werner Jaeger, podemos ver claramente isso:

A mais alta medida de todo o valor da personalidade humana é ainda, na **Odisséia**, o ideal herdado da destreza guerreira; mas a ele se junta a elevada estima das virtudes espirituais e sociais destacadas como predileção naquele poema. O seu herói é o homem a quem nunca falta o conselho inteligente e que para cada ocasião acha a palavra adequada. A sua honra é a sua destreza e o engenho da sua inteligência que, na luta pela vida e na volta ao lar, sai sempre triunfante em face dos inimigos mais poderosos e dos perigos que o espreitam (1995, p. 45).

Observamos aqui que o caráter do herói não está baseado apenas na força física do mesmo assim como na capacidade de pensar em relação aos acontecimentos que estão à sua

volta e o poder de saber resolvê-los. Nos poemas épicos este caráter é visto com frequência no decorrer de toda a epopéia, haja vista que é por meio da astúcia que Ulisses da **Odisséia**, consegue vencer os diversos obstáculos. Motivo para ser de caráter elevado e toda a obra ganhar mais valor, uma vez que o imitador do caráter elevado terá mais empenho em imitá-lo, pois não lhe dará vergonha em representá-lo.

Outro elemento da epopéia é a elocução que entendemos como a maneira dos fatos dispostos no poema, que pode ser em verso com as metrificações adequadas, ou em prosa o objetivo sempre é fazer acontecer a imitação por meio das palavras, ou seja, são as palavras selecionadas pelo autor na construção do gênero, que além da função enunciativa possui também o dever de fornecer à obra maior beleza estética.

Para a realização da epopéia, o poeta se utiliza de outro elemento que é o pensamento, este visto por Aristóteles como regulador do “assunto” que lhe interessa para construir o poema, ele fornece ao autor a possibilidade de fazer a escolha dos fatos a ser contados, os quais, selecionados, para que a epopéia possa obter maior qualidade.

O quinto elemento da epopéia é a melopéia, considerada a presença dos contos, ou seja, a fala de cada personagem, de acordo com Aristóteles este “é o principal ornamento” dos poemas épicos. Tendo em vista que por mais que a epopéia esteja perfeita em relação aos outros elementos, caso a personagem não tenha uma boa fala, esta perde todo o seu encanto, até porque é por meio da fala que o poema passa a ter vida, dar verossimilhança aos fatos imitados.

Um recurso que não é utilizado na epopéia em razão de sua extensão é o espetáculo, pois conforme Aristóteles, o gênero épico não foi criado para ser encenado e sim cantado como é caso dos primeiros que eram cantados nos palácios para os reis. Por causa da grandeza do mesmo, se torna impossível fazer a encenação, esse gênero fica apenas para ser contemplado através da leitura.

É importante observarmos também a extensão do gênero em destaque, recurso próprio da epopéia. Algo iniciado por Homero que além da extensão de suas obras, os versos são todos metrificados; característica adotada n’**Os Lusíadas** visto que o autor utiliza a métrica, mas não com a mesma extensão apresentada nas obras homéricas. Quanto a este elemento, Aristóteles defende que:

(...) na epopéia, porque narrativa, muitas ações contemporâneas podem ser apresentadas, ações que, sendo conexas com a principal, virão acrescer a

majestade da poesia. Tal é a vantagem do poema épico, que o engrandece e permite variar o interesse do ouvinte, enriquecendo a matéria com episódios diversos; (1980, p. 224).

Certos disso, podemos considerar que a epopéia exige essa extensão para que todos os acontecimentos sejam narrados detalhadamente, fornecendo ao leitor uma riqueza incomparável, porque a cada verso declamado é possível contemplar a beleza que ali existe. Salientemos ainda que não é necessário apenas ser longo o poema, ele precisa ter a organização dos elementos para obter o valor esperado. Georg Lukacs (1965) estabelece que para a epopéia, não importa a ligeireza dos fatos e sim como eles acontecem, a ligeireza cabe à tragédia e não ao poema épico, visto que é como se fosse um mundo “inventado” pelo autor, o qual há uma sucessão de fatos e todos devem desenvolver um após o outro.

Além da extensão que é uma característica fundamental na construção dos poemas épicos, se faz necessário observar o que Aristóteles afirma acerca da metrificação, ele mostra a sua grande importância na construção do referido gênero:

Quanto à métrica, prova a experiência que é o verso heróico o único adequado à epopéia: efetivamente se alguém pretende compor uma imitação narrativa, quer em metro diferente do heróico, quer servindo-se de metros vários, logo se aperceberia da inconveniência da empresa. Na verdade, o verso heróico é o mais grave e mais amplo, e, portanto, melhor do que qualquer outro se presta a acolher vocábulos raros e metafóricos (também por este aspecto a imitação narrativa supera as outras). (ARISTÓTELES, 1980, p. 224 e 225).

Um dos poetas que contempla todos os requisitos necessários dentro da epopéia é Homero, tanto na **Odisséia** quanto na **Iliada**, nesta o autor transmite ao leitor inúmeros espetáculos, os quais fazem parte da história da guerra de Tróia que durou dez anos. Esta história não narra todos os detalhes, ele “apresenta apenas, com prodigiosa segurança, as grandes crises, alguns momentos de significação representativa e da mais alta fecundidade poética” (JAEGER, 1995, p.73), espetáculos que se constituem por grandes desafios marítimos e muita luta entre os personagens, mesmo que seja humano ou mítico, pois há uma estreita relação entre ambos.

Assim temos uma obra que narra a história de um povo através da imitação visando a exaltação da pátria ao fornecer para o leitor um plano histórico que vai além da realidade.

Porque o autor cria um mundo diferente do que já existe, ele dá asas à imaginação na arte de inventar, isso porque a literatura não tem compromisso em transmitir a história de um povo da mesma maneira que aconteceu, ela busca ter verossimilhança com a realidade como mostra a citação a seguir:

Não é ofício de poeta narrar o que aconteceu; é sim, o de representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível segundo a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta por escreverem verso ou prosa (pois que bem poderia ser postos em verso as obras de Herótodo, e nem por isso deixariam de ser história se fossem em verso o que era em prosa) — diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e outro as que poderiam suceder. Por isso a poesia é algo de mais filosófico e mais sério do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Por “referir-se ao universal” entendo eu atribuir a um indivíduo de deter minada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convêm a tal natureza; e ao universal, assim é entendido, visa a poesia, ainda que dê nomes às suas personagens; particular, pelo contrário, é o que fez Alcibíades ou que lhe aconteceu (ARISTÓTELES, 1980, p.208)

Diante dessa afirmação observamos que o poeta é autônomo na criação de um poema, como no caso das obras homéricas que o autor idealiza um mundo bastante diferente do que estamos habituados, isso pela utilização de seres fantásticos e monstruosos como descreve Ítalo Calvino (1993) em sua obra **Por Que Ler Os Clássicos**, e o que deveria ser apenas um retorno, se torna um conjunto criado pelo poeta com diversas situações, o que difere arte e realidade.

Como pretende Aristóteles, há uma verossimilhança e isso funciona na epopéia como um plano histórico, no caso do *corpus* deste trabalho a **Odisséia** e **Os Lusíadas**, ambos descrevem sobre a história: o primeiro refere à guerra troiana e o assolamento de Ítaca, onde muitos morreram e a Grécia ficou toda destruída. O segundo conta a luta do povo português, representado pelo personagem Vasco da Gama na conquista de novas terras. Os portugueses assim como o protagonista, sonhavam em expandir o território de Portugal para que ele viesse a tornar-se uma grande potência. O que não se tratava de uma tarefa simples, mesmo porque os mares, até então não tinham sido navegados naquelas áreas, o elemento marítimo é de grande importância para a realização das viagens exploratórias. Portanto há nas obras citadas a imitação de um percurso marítimo, que é marcado por diversas peripécias e encontros

inesperados com seres monstruosos como é o caso do ciclope Polifemo e o Gigante Adamastor, visto no primeiro capítulo.

III – A REPERCUSSÃO DO MITO HOMÉRICO N'OS LUSÍADAS

Na obra homérica observamos a constante presença de seres míticos sempre próximos do homem, entre eles destacamos Polifemo, descrito no canto IX da **Odisséia**. Ele é um ser com aparência assustadora possuindo apenas um olho no meio da testa. Vive em uma ilha isolada no mar, onde não havia a presença de seres humanos, ele faz parte de um grupo denominado ciclopes que, segundo Hesíodo (2005) são três: Brontes, Estéropes e Arges. São vistos como donos de um coração insolente, eram seres de muita força, violentos e ainda considerados hábeis, como mostra Homero com o personagem Polifemo. Um ser com todas estas características apresentou devorar rapidamente alguns dos companheiros de Ulisses. Juntos, eles dominavam aquele lugar, eram criadores de ovelhas para o sustento, não precisavam lavrar a terra e nem plantar, sem depender de nenhum outro vivente, apenas uns dos outros. Os ciclopes moravam em grutas de pedra e se alimentavam de carne e leite. Adorno e Horkheimer (1985) descrevem a respeito das características físicas do personagem eleito em nosso estudo:

O ciclope Polifemo, traz em seu olho único do tamanho de uma roda o vestígio do mesmo mundo pré-histórico: esse olho único lembra o nariz e a boca, mais primitivos do que a simetria dos olhos e dos ouvidos, que, na unidade de duas percepções coincidentes, vem possibilitar a identificação, a profundidade e objetualidade em geral. (ADORNO e HORKHEIMER, 1985, p.68)

Observamos neste relato, que a aparência de Polifemo é bastante diferente do ser humano, com isso podemos deduzir que é um ser mítico, o qual remete medo desde a sua estrutura física. Quanto a sua maneira de pensar, vimos que é de inteligência mediana, ao não demonstrar nenhuma malícia. Por isso, todo o seu poderio é adquirido por meio da força como já foi dito, sem contar muito com a inteligência como o herói Ulisses, que mesmo sem forças para lutar contra o monstro, consegue vencê-lo. Assim, Polifemo se destaca na obra homérica como mito nem tanto pela inteligência, como por sua forma física.

N'Os **Lusíadas** o gigante Adamastor, que aparece com certas semelhanças a Polifemo, difere, em alguns aspectos. O gigante vive no Cabo das Tormentas, lugar muito temido por todos, até Vasco e seus companheiros se atreverem a navegar por ali em busca de novas terras. Adamastor tem outros seres semelhantes a ele, sua forma física parece com uma nuvem

escura, reside nas águas do mar e tem aparência horrível, observada pelo próprio escritor da obra camoniana, lembra até mesmo o fato de Adamastor ser mais terrível do que Polifemo:

Achamos ter de todo já passada
Do semicapro, Peixe e grande meta
Estando entre ele o círculo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis, de meus companheiros rodeado
Vejo um estranho vir, dele pele preta,
Que tomaram por força, enquanto apanha
De mel os doces favos na montanha.

Torvado vem na vista, como aquele
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem ele entende a nós, nem nós a ele,
Selvagem mais que bruto Polifemo.(...)
(CAMÕES, 2003, p. 120)

Mesmo com características marcantes e ameaçadoras, ainda percebemos a semelhança com Polifemo ao se tratar de inteligência, pois assim como Ulisses vence o monstro através da astúcia, Vasco também usa argumentos perspicazes para se livrar de Adamastor. O herói português começa interrogá-lo, com isso vem à tona toda a sua história, comove-se em pensar na deusa que tanto amava. Na narração dos acontecimentos, afirma que certa feita contemplando a lembrança da deusa Tétis, ele teve a sensação de vê-la toda formosa se aproximando para abraçá-lo. Quando o gigante a abraçou, ao se deleitar em seus braços, viu que estava abraçado a um toco. Após contar esta história se derrama em lágrimas, sendo vencido pelos marinheiros como mostra o trecho a seguir:

Assim, contava; e, é um medonho choro,
Súbito diante os olhos se apartou.
Desfez-se a nuvem negra, é um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao santo cor
Dos anjos, que tão longe nos guiou,
A Deus pedi que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.
(Camões, 2003, p. 128)

Percebemos aqui o choro de Adamastor ao se lembrar de sua amada, o que acontece também com Polifemo, mesmo sendo motivos diferentes, porque o primeiro choro é emocional enquanto o segundo, pela dor que sente por estar com seu olho ferido. Então temos Adamastor se derramando em lágrimas e Polifemo “a gemer e entre dores atrozes torcendo-se,”(HOMERO, 2001, p.165).

Notamos neste sentido o esclarecimento do mito, entendendo-o como uma forma de solucionar os problemas existentes naquele lugar, porque até então a ilha habitada por Adamastor era considerada por todos, um ambiente perigoso e incapaz de ser navegado. Vasco da Gama é o primeiro a atravessar aquele mar em vida, juntamente com seus companheiros. Seguido o pensamento de Adorno e Horkheimer, entendemos que tal situação permite afirmar que o mito se racionaliza porque deixa de ser problema para a sociedade, o lugar não amedronta mais navegantes e os portugueses ganham méritos por vencerem o desconhecido.

Na *Odisséia*, Ulisses vence o monstro de maneira diferente de Vasco da Gama, pois o herói grego não encontra alternativa para sair da gruta antes do ciclope começar a destruição dos seus companheiros. Após matar dois homens de uma só vez para comer sem deixar nada e dizer que o último seria Ulisses, o gigante demonstra apetite desmedido. O astuto herói resolve usar um trocadilho com seu o nome, ao ser perguntado pelo monstro. Responde que se chama *Oudeis*, ou “Ninguém”, esta foi a maneira encontrada para que não houvesse como o monstro pedir socorro. Então ele oferece vinho que levava consigo para que o monstro saboreasse melhor a carne humana de seus companheiros, enquanto isso é posto no fogo feito pelo morador, um mastro para ser aquecido. Quando perceberam que Polifemo não estava no seu estado normal, adormecido em um sono profundo, Ulisses e seus últimos companheiros, que ainda restavam, pegaram o mastro feito tição e ferem o único olho do monstro. Cego, com muita dor, começa a gritar por socorro e dizer que “Ninguém” estava matando-o. Por isso seus vizinhos não acreditam no que ouvem. A fim de conseguir capturá-los, Polifemo abre a gruta e os marinheiros saem agarrados nos carneiros para não serem vistos pois, cego, só perceberia se conseguisse tocar-lhes, assim eles conseguem escapar do ciclope.

Com isso Ulisses atraiu a ira de Poseidon, passa a ser odiado pelo temeroso deus do mar, desde então sua viagem é interrompida como uma forma de castigo por ter ferido Polifemo. Sozinho no mar após perder seus companheiros, o herói fica durante dez anos a vagar sem chegar a seu destino. Enfrenta diversos obstáculos até chegar na sua casa, mesmo depois de ser orientado por Atenas sobre o caminho que deveria tomar para chegar a ilha dos Feácios, os quais levariam o herói até sua terra de origem. Assim, Ulisses sai da ilha de Calipso, a ninfa que lhe queria como esposo e já era possível avistar a ilha dos Feácios, se deparou com um grande vendaval mandado por Poseidon a fim de fazer o herói se perder, ou pelo menos que sofresse de tal forma até desistir de lutar. Mas com ajuda da deusa Atenas, ele consegue chegar à terra dos Feácios, lá é recebido com banquete e festas como era de costume.

Da mesma maneira acontece em Camões que após o gigante ser vencido, uma série de consequências surgem para Vasco da Gama. Não pelo fato de ter vencido Adamastor, mas sim por ter navegado em lugares proibidos, isso era considerado uma ameaça pela natureza, por que após essa descoberta muitos outros navegantes iriam passar naquele lugar. O que representa para os habitantes nativos daquele lugar uma forma de destruição, fato que leva Adamastor a narrar as futuras desgraças que o povo português irá enfrentar por eles se atreverem a navegar em um lugar de tantos segredos como aquele, vejamos sua narração:

Sabe que quantas naus esta viagem
Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas!
E da primeira armada que paragem
Fizer por estas ondas insofridas,
Eu farei de improviso tal castigo
Que seja mor o dano o perigo!

Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobriu suma vingança.
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança:
Antes, em vossas naus vereis, cada ano,
Naufrágios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte!

E do primeiro Ilustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os Céus,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juízos incógnitos de Deus.
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.

Outro também virá de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa dama
Que Amor por grão mercê lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que, duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e na[s]cidos;
Verão os Cafres, ásperos e avaros,
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e preclaros
À calma, ao frio, ao ar, verão despidos,
Depois de ter pisada, longamente,
Cos delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes míseros ficarem
Na fêrvida, implacabil espessura.
Ali, de[s]pois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de magoa pura,

Abraçados, as almas soltarão
Da fermosa e misérrima prisão. (...)
(CAMÕES, 2003, p.123 e 124)

Diante desta citação observamos que várias consequências aos portugueses, pois tiveram que sair em busca de novas terras. Encolerizado o gigante profetiza todo tipo de mal que possa acontecer ao povo que Vasco da Gama representa entre eles a queda do reino do rei de Portugal, afirma a má sorte que este país terá pela invasão em terras alheias. Na nossa interpretação, notamos que Polifemo também faz profecias contra Ulisses, depois de ser ferido pelo mesmo clamando a seu pai Poseidon que:

(...) dá que não possa voltar Odisseu, [] de cidades,
que de Laertes é filho e que em Ítaca tem morada.
Mas, se é do Fado que deva rever os amigos, e a casa
bem construída voltar, assim como torrão de nascença, que,
miserável, o faça e mui tarde, perdidos os sócios,
em um navio estrangeiro, aflições vá encontrar no palácio.
(HOMERO, 2001, p.169)

Com a profecia de Adamastor percebemos que o ser mítico possui certo teor de autoridade sobre o lugar em que habita, ou seja, há nele uma superioridade em relação aos seus companheiros, como podemos ver que havia outros seres míticos da mesma raça do gigante em destaque, afirma na obra que um ser estranho apareceu para os navegantes e após receber alguns presentes “caminha pera a povoação, que perto tinha.” (CAMÕES, 2003, p. 121). Entendemos, portanto, que Camões cria um grupo de seres monstruosos, assim como fez Homero e em vez de todas as criaturas míticas se comunicarem com o homem, é apenas um que se comunica. No caso da *Odisséia* somente Polifemo faz esse diálogo com Ulisses e seus companheiros e n’*Os Lusíadas*, apenas o gigante Adamastor que transmite a angústia sentida por todos em ter perdido o espaço que tanto preservavam com todas as belezas naturais.

Vimos também quando Adamastor profetiza as pragas ao povo português, a autoridade que ele possui, se considera proprietário daquele lugar, isto podemos ver porque está se referindo aos “**meus** longos mares” (grifo nosso) (CAMÕES, 2003, p.123). Assim, temos o

ser mítico como defensor da natureza, pois ele tenta preservar de todo tipo de dano que possa causar. A entrada de humanos é para ele uma ameaça, inclusive porque foi após essa descoberta da viagem marítima que as explorações das grandes riquezas naturais começaram a surgir. Pensando na devastação da natureza, o gigante tenta interromper a travessia dos navegantes. O que não é diferente na obra homérica, pois Polifemo faz o mesmo com Ulisses e seus companheiros. Quando os encontra na gruta ele interroga os hóspedes, afirma que até então nenhum outro ser humano havia passado por ali e no decorrer da narrativa percebemos o poderio dos ciclopes sobre a ilha que moravam. Lugar de grandes belezas, com paisagem exuberante onde a terra não precisava ser cultivada, nem lavrada, tudo produzia naturalmente, assim também há preocupação em perder o espaço que tanto estimava. Como podemos ver a seguir:

Ó estrangeiros, quem sois? De onde vindes por úmidas vias?
É por algum interesse, ou à toa que cruzais o mar vasto
como piratas, que vagam sem rumo, com risco da vida,
enquanto vão conduzindo a desgraça a pessoas estranhas
(...) Nós os ciclopes, não temos receio de Zeus poderoso,
nem dos mais deuses beatos, pois somos mais fortes que todos.
(HOMERO, 2001,p.161)

Dessa maneira temos aqui mais uma semelhança entre Polifemo e Adamastor, pois ambos estão preocupados com os danos que os navegantes podem causar aos habitantes do mar. Este é um dos motivos que nos faz afirmar a influência que Homero deixou nos escritores que surgiram posteriormente, como é o caso de Camões principalmente na criação do ser mítico. O fato de ser influenciado por Homero significa que o escritor português faz um resgate dos valores gregos para construir sua obra. Assim como há semelhanças entre ambas, é importante ressaltar que também possui diferenças, como por exemplo, o encontro dos navegantes com os seres míticos. Ulisses desembarca, vai em busca de notícia dos habitantes da ilha e resolve entrar na gruta de Polifemo para esperá-lo.

Já em Camões vimos que Adamastor se levanta do mar quando os navegantes iam deixando a ilha onde tinham feito uma parada, apesar deles encontrarem com outros seres antes do gigante, ainda assim não foram a fim de conhecer os habitantes, encontraram-no por um acaso. Tanto é que Veloso, o primeiro a se deparar com aquele bando de seres monstruosos, que não falavam nenhuma língua possível de compreender e nem eles compreendiam os humanos, saiu para apanhar “De mel os doces favos na montanha” (CAMÕES, 2003, p.120). Veloso ficou muito apavorado, indo logo ao encontro dos demais companheiros. Deste modo, podemos afirmar que os portugueses não saíram à procura dos moradores do lugar, ao contrário do que acontece na obra homérica, pois nesta encontramos a

seguinte afirmação: “Vós, companheiros queridos de viagem, ficai aqui todos,/ que eu, no navio que vim, juntamente com meus companheiros,/ vou ver se obtenho notícias da gente que mora ali perto,” (HOMERO, 2001,p.158). Diante desta citação, vimos os navegantes à procura dos habitantes daquele lugar onde se deparam com a gruta de Polifemo, resolvem esperar-lo, “pois desejava encontrá-lo e provar hospitais gasalhado”(Idem, 2001,p.160). Então fica evidente que eles foram ao encontro do monstro.

Tomamos aqui o que o autor Auerbach (2001) mostra em relação à paciência que é importante os personagens terem. Isto percebemos claramente nos guerreiros gregos que, mesmo estando em momentos de angústia por saber que poderiam ser devorados, ainda permanecem calmos. O que ajuda a tomar uma atitude sobre como sair da gruta e derrotar Polifemo. Em Camões aparecem dois momentos dos navegantes: num eles se apavoram principalmente Veloso que “vê-se em pressa”, por saber que não tinha ninguém para lhe ajudar e, no encontro com Adamastor eles conseguem manter-se calmos e pacientes, conseguindo dialogar com o gigante. Tal atitude nos permite entender com Auerbach (2001, p.03) “a crise e a tensão devem ser mantidas” uma vez que do nervosismo inicial de Veloso, Camões passa a um controle da crise e tensão, o mito se racionaliza por meio do diálogo que os escritores promovem entre os heróis e as forças da natureza até então indomáveis, aqui representadas por Polifemo e Adamastor.

Ressaltamos neste momento que Homero foi o primeiro criador de um mundo fictício com diversos elementos fantásticos e Camões embriagado pelo espírito homérico faz uma retomada em alguns aspectos para a criação da epopéia portuguesa, pois por mais que tenha traços da epopéia grega, ainda percebemos que o poema de Camões difere em diversas características com elevado poder de exaltação dos feitos do povo português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho vimos as semelhanças do personagem Adamastor com Polifemo, inclusive o fato de Homero ser o primeiro poeta a construir um poema utilizando todos os recursos possíveis de uma epopéia, também a questão de ser ele a dar início a criação mítica em obras literárias. Assim, resgata os valores que estavam sendo esquecidos pela sociedade grega. Como nos afirma a professora Gilvone Furtado Miguel, em um artigo da obra **Dos Labirintos e Das Águas: Entre Barros e Dickes** ao escrever: “que o mito é uma história cíclica, que retorna ou renasce no tempo e é recriado na literatura, que faz a reconstrução da origem pelos vestígios da história real” (MIGUEL, 2009, p.127). Temos Homero como o primeiro a recriar o ser mítico, o que foi dado sequência pelos demais escritores.

Quando há inspiração em outro autor da antiguidade, o texto literário passa a ter uma valorização, por ser recriação e ao mesmo tempo adaptação para que faça parte da literatura no momento que está inserida a obra. Portanto, quando Luiz de Camões é influenciado a construir um ser mítico, semelhante ao que já existia contemplando algumas características clássicas, ele faz uma adaptação nos moldes da literatura portuguesa. Pois, percebemos que não aparece em Adamastor os traços primitivos de Polifemo, como por exemplo, o enorme olho na testa, que vimos na afirmação de Adorno e Horkheimer. Então, após ver as semelhanças e conhecer um pouco mais sobre mito, podemos afirmar que Adamastor é uma atualização de Polifemo, os quais são de grande destaque nas obras, assim como na história da literatura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. "A Consciência Mítica". in: **Filosofando: Introdução a Filosofia**, 3ª edição, São Paulo: Editora Moderna, 2003
- ARISTÓTELES. **Arte Poética**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1980
- AUERBACH, Erich. "A Cicatriz de Ulisses", in: **Mimesis**, São Paulo: Perspectiva, 4ª edição, 2001
- CAMÕES, Luís de. **Os Lusíadas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1ª edição, 2003
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 9ª edição, 1997
- ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Perspectiva, 5ª edição, 2000
- HESÍODO. **Teogonia, Trabalhos e Dias**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. "Mito e Arte, Razão e Mito". in: **O Espírito e a Letra**. São Paulo: Companhia de Letras, 1985
- HOMERO. **Odisséia**. Tradução Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 96-97
- HOMERO. **Iliada**, Tradução: Fernando Araújo Gomes, Rio de Janeiro: Ediouro, 9ª edição, 1999
- HORKHEIMER, Max e ADORNO, Theodor W., "Ulisses ou Mito e Esclarecimento" in: **Dialética do Esclarecimento: Fragmentos Filosóficos**, tradução: Guido Antonio de Almeida – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985
- JAEGER, Werner Wilhelm. "Homero como Educador ; O Pensamento Filosófico e a Descoberta do *Cosmo*" in: **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. Tradução: Artur M. Parreira, 3ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1995
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mito e Significado**, tradução de António Marques Bessa, Editora Edições 70, 1978
- LUKACS, Georg. "Epopéia e Romance". in: **Ensaaios Sobre a Literatura**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965
- MIGUEL, Gilvone Furtado. "Mito e Ficção: A imagem do Paraíso nos romances de Ricardo Guilherme Dicke", in: **Dos Labirintos e das Águas: entre Barros e Dickes** – Madalena Machado e Vera Maquêa (org.), Cáceres: UNEMAT, 2009
- PAZ, Otávio. **O Arco e a Lira**, Tradução: Olga Savany, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982
- PLATÃO, **A República**, São Paulo: Martin Claret, 2002

POUZADOUX, Claude. **Contos e Lendas da Mitologia Grega**, tradução: Eduardo Brandão.
São Paulo: Companhia das Letras, 2001